

Eles não sabem, nem sonham,
que o sonho comanda a vida.
Que sempre que o homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança.
(António Gedeão)

Portugal, 2013: por que tanto precisamos hoje das Bibliotecas Itinerantes

Por Vera Oliveira

vera.oliveira@dglab.gov.pt

Sou uma bibliotecária de leitura pública sénior e trabalho na Direção Geral do Livro dos Arquivos e das Bibliotecas da atual Secretaria de Estado da Cultura. Tenho 57 anos e dediquei a maior parte da minha vida profissional às Bibliotecas Públicas Municipais. Não *tenho*, todavia, nenhuma biblioteca pública, nem fixa, nem itinerante. Mas sou uma bibliotecária pública por vocação e considero, também quando cidadã, um pouco minhas todas as Bibliotecas Públicas. Nelas sinto-me em casa. E, como a maioria dos bibliotecários portugueses, tenho as Bibliotecas Itinerantes no coração.

Em Portugal, não deverá haver muitos portugueses maiores de trinta e cinco anos que não saibam o que é uma Biblioteca itinerante. Tivemos essa sorte. Num dos países mais pobres e analfabetos da Europa da época, uma fundação investiu numa Rede de Bibliotecas Itinerantes (e depois também fixas) que cobriu todo o território nacional entre 1960 e 1990. O ex-Secretário de Estado da Cultura, o jornalista e escritor Mário Viegas (51 anos), afirmou-o em Julho passado numa revista generalista: na aldeia do Douro onde nascera e onde em adolescente ia passar férias, *«uma das coisas que tínhamos era a carrinha da Gulbenkian, algo mítica para minha geração. O senhor Sousa deixava-nos levar da carrinha três livros por pessoa. Eu levava a minha tia, porque assim trazíamos seis. E foi nessa altura, em 1975, 1976 que li Cem anos de solidão pela primeira vez. À minha volta mudou o interesse pelos livros, e o facto de ler com disponibilidade marcou-me bastante.»*¹

Por outro lado, em Portugal, **as Bibliotecas Itinerantes ligaram-se quase desde o início às Bibliotecas Públicas Municipais**, o que no futuro facilitaria a gestão do pessoal e da documentação.

¹ *Maxim Portugal*, Jul/Ago 2013, p. 53.

Vejamos o que nos dizem os números²:

Bibliotecas Itinerantes da FCG:

1958 – 15
1961 – 47³
1984 – 59 + 166 Bibliotecas fixas

2

Livros requisitados:

1958 -1962: 8 675 774
1968-1972: 27 191 250
1978-1982: 22 573 900
TOTAL 1958-1982: 106 033 684

Leitores atendidos:

1958-1962: 2 571 212
1968-1972: 7 890 879
1978-1982: 7 346 573
TOTAL 1958-1982: 31 977 700

Os livros adquiridos foram na ordem de milhões. Segundo dados de 1965, a FCB tinha já então comprado mais de 1 700 000 livros para todas as suas bibliotecas⁴.

Todavia, **as grandes mudanças por que todos estamos a passar** neste início do século XXI, obrigam-nos a **ver mais longe**. No caso das bibliotecas públicas, assistimos, nas duas últimas décadas do século XX e um pouco por toda a Europa, à reivindicação e à **construção em vasta escala de novas bibliotecas públicas** declaradamente abertas a todos os cidadãos. Depois de muito se discutir **o fim dos livros como os conhecemos** e, por arrastamento, o do lugar dos livros, as Bibliotecas Públicas analisadas agora, à luz do novo milénio, demonstram inequivocamente uma evidente **mudança em relação à tradicional missão cultural e de ensino, de matriz anglo-saxónica**, que até então se pedia a este equipamento cultural.

Local de múltiplos eventos e encontros os mais diversos, **a polivalência cultural e cívica é agora a marca indelével das bibliotecas públicas, cada vez mais versáteis e disponíveis** para acolher todo o tipo de públicos e apoiar a sua comunidade.

² **Boletim Cultural: Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas. Vinte e cinco anos ao serviço da leitura.** Fundação Calouste Gulbenkian, VI série, nº 2, Junho de 1084

³ http://pt.wikipedia.org/wiki/Bibliotecas_Itinerantes_da_Funda%C3%A7%C3%A3o_Calouste_Gulbenkian

⁴ <http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2004/WP1-2004.pdf>

A biblioteca pública deste novo século, para além de lugar de aprendizagem, tornou-se também **um lugar para se estar e para se (con)viver**. Distante das grandes bibliotecas centradas no empréstimo massivo, sem espaços de estudo e sem utilizadores durante as horas de trabalho, encontramos agora edifícios abertos, desenhado com preocupações estéticas e de acolhimento dos utilizadores para as mais diversas atividades. **Dois exemplos.**

Na nova **Biblioteca Pública Municipal de Guadalajara**, em Espanha, outrora um palácio senhorial, existe um grande pátio interior coberto, mobilado com sofás e mesas de apoio. Nas estantes das paredes em volta estão as novidades e as seleções temáticas e num dos lados uma bateria de computadores disponíveis ao público. Num dos cantos, encontra-se um piano de cauda onde de vez em quando um leitor se senta para tocar uma peça de jazz ou de música clássica que se ouve no segundo piso, que é simultaneamente galeria de exposições e também local de trabalho na Internet, bem como na área contígua do fundo local.

No terceiro andar, uma grande sala de estudo acolhe, em silêncio total, trezentos estudantes das 9h00 às 21h00 em épocas de exame. Nos dias de festa, como no jantar anual dos mais de 20 clubes de leitura desta Biblioteca, trezentas pessoas jantam nessa mesma sala e, de seguida dançam pela noite fora ao som de um piano acústico, no jardim interior ou no tal átrio coberto quando o tempo está de chuva.

Na sala polivalente, ao final da tarde, debatem-se temas atuais: «Iniciativas sociais de dinamização comunitária», «Mães contra a droga», «Crise financeira: origens e evolução». E quando esta se torna pequena para o público que a elas aflui, as sessões são realizadas também no pátio interior.

Na muito mais pequena **Biblioteca Municipal de São Brás de Alportel**, em Portugal, instalada no edifício de uma antiga moagem recuperada e adaptada, a sala de periódicos, logo à direita de quem entra, acolhe, pela manhã, os mais velhos que não prescindem da leitura dos seus jornais.

Nesta sala são também acolhidos os leitores com limitações motoras, já que o elevador existente não comporta uma cadeira de rodas e, em algumas tardes, uma leitora que gosta de um pequeno órgão que ali se encontra toca peças clássicas que ecoam no átrio e no pátio interior, onde também se celebram muitas festas.

Às quintas-feiras, entre as 18h30 e as 20h00, o coro municipal, que reúne 40 elementos de cinco nacionalidades, ensaia na sala polivalente um repertório de música clássica, madrigal e folclore de várias línguas europeias. O clube de leitura também se reúne da sala polivalente.

Na sala contígua, foram os adolescentes de São Brás que «obrigaram», com as suas conversas intermináveis, os seus telemóveis, os seus fones e as suas mochilas coloridas, a transformar a ex-sala de audiovisuais, agora com o acesso generalizado à Internet praticamente sem uso, na «sua» sala de leitura e de estudo.

Em 2008, HannuUusi-Videnoja, à época embaixador da Finlândia no Brasil, afirmava já, a propósito da extraordinária aposta do estado nas bibliotecas públicas finlandesas que o respetivo papel estava «a mudar rapidamente nesta nova sociedade da informação. Entre os novos desafios encontra-se a necessidade de ensinar os cidadãos a pesquisar, a avaliar, a comparar, a combinar e a usar adequadamente a informação disponível.»

Segundo Uusi-Videnoja, **para a Finlândia** a biblioteca pública «é **um centro cultural local**, um portal de qualidade que disponibiliza capital cultural e intelectual ao público, que pode usá-lo conforme as suas necessidades seja na biblioteca, seja através Internet.» Este embaixador finlandês afirma que uma biblioteca municipal, seja numa área residencial ou numa pequena cidade, deve organizar-se de modo a proporcionar à sua comunidade:

- uma sala de estar e de convívio;
- o acesso à cultura e à informação;
- a possibilidade de recuperação de informação independente;
- uma rede de serviços públicos e privados;
- múltiplos eventos e serviços culturais.⁵

Com efeito, «de acordo com a visão adotada (em 2003) na Estratégia das Bibliotecas para 2010, a biblioteca pública na sociedade finlandesa é **uma instituição ativa e eficaz**, e de fácil acessibilidade à consulta pública. Encontra-se **aberta a todos os interessados**, o que **fortalece a democracia**. Transmite a herança cultural, apoia a construção de uma sociedade multicultural e promove o espírito comunitário. Oferece um ambiente de aprendizagem, apoiando pessoas de todas as idades e promove as competências necessárias a tornar os meios de comunicação acessíveis a todos».

Mas este documento vai ainda mais longe ao afirmar que, «**os direitos à informação e à criatividade são considerados direitos humanos básicos**. O direito à informação é intrínseco ao exercício pleno da cidadania e igualmente indispensável ao desenvolvimento da criatividade, a expressão própria do ser humano.»⁶

Também o dinamarquês JensThorhauge, Director Geral da DanishAgency for Librariesand Media, afirmava igualmente, em 2010, que a grande mudança recente na utilização das Bibliotecas Públicas dinamarquesas era a vivência que dela fazem as pessoas que a utilizam: ler, trabalhar, aceder à Internet, frequentar cursos, presenciais ou a distância, **encontrarem-se, verem exposições, participarem em eventos culturais os mais diversos**, constituem exemplos desta nova mudança⁷.

⁵ <http://www.finlandia.org.br/public/default.aspx?contentid=124121>.

⁶ <http://www.libraries.fi/en-GB/libraries/>

⁷ <http://slq.nu/?article=denmark-the-public-libraries-in-the-knowledge-society>

Thorhauge sublinha que cada ano é mais diversificado o público que vai à Biblioteca Pública para participar nas atividades que esta oferece, as quais são também por seu turno cada vez mais dirigidas a **públicos diferentes**: jardins de infância, crianças com deficiências, clubes de leituras, iniciativas cívicas de apoio a minorias, serviços para empresas... Esta nova apropriação das bibliotecas pelo seu público é reveladora das potencialidades deste equipamento cultural: **um verdadeiro centro cívico que oferece atividades culturais, sociais e educacionais**. A chave desta mudança reside na assunção, por parte das bibliotecas, de uma atitude proativa por parte dos bibliotecários alicerçada nas perguntas:

- «precisa de ajuda?
- quer saber mais?
- quer juntar-se ao debate?»

Em 2010, um Comité instituído com o objetivo de conceber o papel das Bibliotecas na sociedade do conhecimento e na necessidade de educação ao longo da vida, enuncia os princípios por que a Biblioteca Pública dinamarquesa se deve guiar: **ser aberta à comunidade e cheia de vida, disponibilizar uma biblioteca digital e desenvolver múltiplas parcerias**.⁸

Também a NAPLE (National Authorities on Public Libraries in Europe) assinala que «o espaço biblioteca pública se encontra em considerável mudança na primeira década do século XXI»... Para além de «uma forte presença em termos de património edificado e de se tornar também cada vez mais central no desenho do tecido urbano, visível na construção de novas bibliotecas e na remodelação de outras, **a Biblioteca Pública é um espaço agora descentrado da coleção e intensamente focado nos utilizadores**, entrecruzando e reforçando serviços físicos e virtuais».⁹

Criada há cerca de uma década com o objetivo de promover no seu conjunto as bibliotecas públicas europeias, a NAPLE tem-se evidentemente debatido com os problemas e as assimetrias inerentes ao estado da União Europeia. Segundo a NAPLE, «esta mudança está a ter lugar em toda a Europa e apela a novos conceitos e ideias».

Tudo isto que acabo de referir **se aplica mais do que nunca às Bibliotecas Itinerantes**, a melhor extensão cultural da Bibliotecas Públicas. E se cada vez mais se fala na importância das Bibliotecas Públicas para a **revitalização do meio rural**, elas são identicamente importantes na **humanização dos grandes concentrações suburbanas em torno das grandes cidades**, onde o desregulamento do parque habitacional, a pobreza e a violência constituem a matriz da vida quotidiana.

Em Portugal, mais de 60% do território nacional encontra-se sob ameaça da desertificação humana (dados de Junho de 2013¹⁰), tendo a área suscetível de desertificação do território

⁸ Para saber mais: http://www.bs.dk/publikationer/english/library_policy/

⁹ <http://napleblog.wordpress.com/about/>

¹⁰ http://www.tsf.pt/Paginalnicial/Portugal/Interior.aspx?content_id=3269526

continental português crescido em 75% ao longo dos últimos dez anos (2011)¹¹. Sem os seus guardiões, os agricultores e a população rural, em geral,¹²este abandono do território traduz-se na **destruturação das famílias como unidades produtivas** e na **diminuição da qualidade de vida**. O abandono do cuidado dos campos e da floresta conduz, por sua vez, ao aumento das possibilidades de erosão, na diminuição da produtividade dos solos e na redução drástica da biodiversidade. Por seu turno, o correspondente **crescimento da pobreza urbana** devido às constantes migrações para as grandes cidades potencia o **crescimento suburbano descontrolado, o aumento da poluição** e os problemas ambientais urbanos, para além **da pobreza e da violência sociais**.¹³

A análise comparada dos objetivos da Rede de Bibliotecas Itinerantes Gulbenkian (anos 60-90), dos objetivos das Bibliotecas Itinerantes portuguesas do século XXI e dos da IFLA mostra-nos a assunção progressiva deste salto qualitativo na missão das Bibliotecas Itinerantes. Em 1960, a Rede de Bibliotecas Gulbenkian tinha por objetivo cobrir todo o território nacional, dirigindo-se ao **público de menor acesso à educação e cultura** que habitava as **regiões mais desfavorecidas**, e procurava chegar a todas as faixas etárias.

Objetivos da Rede de Bibliotecas Móveis da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG):

1. promover e desenvolver o gosto pela leitura
2. elevar o nível cultural dos cidadãos,

através

- **de livre acesso às estantes,**
- **de empréstimo domiciliário e**
- **de gratuidade do serviço.»**

Os objetivos da IFLA para as Bibliotecas Itinerantes são os mesmos dos das Bibliotecas Públicas e encontram-se enunciados no Manifesto da Unesco que todos conhecemos.

1. Criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância;
2. **Apoiar a educação individual e a autoformação, assim como a educação formal a todos os níveis;**
3. **Assegurar a cada pessoa os meios para evoluir de forma criativa;**
4. Estimular a imaginação e criatividade das crianças e dos jovens;
5. **Promover o conhecimento sobre a herança cultural, o apreço pelas artes e pelas realizações e inovações científicas;**
6. **Possibilitar o acesso a todas as formas de expressão cultural das artes do espetáculo;**
7. **Fomentar o diálogo intercultural e a diversidade cultural;**
8. Apoiar a tradição oral;

¹¹ http://www.tsf.pt/PaginaInicial/Vida/Interior.aspx?content_id=2077793 e <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/ei/unccd-PT/event/docs-semin/semin-iber>

¹² <http://www.publico.pt/ciencia/noticia/perito-defende-que-combate-a-desertificacao-deve-ser-um-servico-pago-1387075>

¹³ <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/84.pdf>

9. **Assegurar o acesso dos cidadãos a todos os tipos de informação da comunidade local;**
10. **Proporcionar serviços de informação adequados às empresas locais, associações e grupos de interesse;**
11. Facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática;
12. Apoiar, participar e, se necessário, criar programas e atividades de alfabetização para os diferentes grupos etários.

De entre estes, exemplificamos aqui os definidos para a Bibliomóvel de Vila do Conde (2007):

1. «Estimular o gosto pela leitura e **a compreensão do mundo em que vivemos;**
2. **Criar condições para a fruição da criação literária, científica e artística, proporcionando o desenvolvimento da capacidade crítica do indivíduo;**
3. **Conservar, valorizar, promover e difundir o património escrito,** em especial o respeitante ao fundo local, contribuindo para reforçar a identidade cultural da região;
4. **Difundir e facilitar documentação e informação útil e atualizada, em diversos suportes, relativa aos vários domínios de atividade,** satisfazendo as necessidades do cidadão e dos diferentes grupos sociais.»¹⁴

Há contudo **outros objetivos não explícitos** que os bibliotecários móveis, talvez mais do que todos os outros bibliotecários, conhecem bem:

- A noção **docuidar dos outros;**
- A abertura a **horizontes mais amplos;**
- **A humanização do território** seja no incentivo e no apoio ao regresso ao mundo rural¹⁵, seja na intervenção em bairros urbanos degradados;
- A construção de uma rede de afetos: **a humanização do quotidiano;**
- A (re)construção de **uma identidade local transgeracional;**

Assim, em 2013, os novos serviços da Bibliotecas Itinerantes, dando já como adquiridas a ligação à Internet e a educação informal, devem abranger:

- A agilização de toda **a informação e comunicação entre a população e a autarquia,** incluindo pagamento de serviços, licenças...
- A integração de **atividades diversificadas de extensão cultural:** os projetos «ciência viva», a narração oral, a música, etc.
- **A recolha da tradição popular** concelhia em todas as suas valências: literatura oral, usos e costumes, gastronomia... através da recolha de relatos dos mais velhos e com base em princípios e critérios de investigação a partir de ligação à universidade.

¹⁴ http://bibliotecasitinerantes.web.simplesnet.pt/Biblioteca_movel_Jose_Regio.htm

¹⁵ <http://vimeo.com/42412852> terra dos sonhos

Todas estas valências são já realizadas por algumas bibliotecas itinerantes (ver Nuno Marçal) ainda que pontualmente. Há, contudo, uma outra que deveria ser urgentemente experimentada em Portugal:

- **A integração bibliomóveis-unidades móveis de cuidados de saúde primários** que existem em Portugal e estudar a fusão das duas valências numa única unidade móvel.

Com efeito, em Portugal, os fundos comunitários financiaram, em 75%, as autarquias, com pelo menos uma freguesia rural, tanto para aquisição e funcionamento de bibliotecas móveis como para os das unidades móveis de saúde. A estas últimas compete a prestação de cuidados de saúde primários, na área clínica e de enfermagem, apoio domiciliário, saúde escolar, vigilância do estado de saúde dos idosos que vivem isolados e campanhas de vacinação¹⁶.

Com o aprofundar da crise em que vivemos, muitas destas carrinhas, também das itinerantes, foram desativadas alegadamente pelos custos envolvidos, sobretudo no pagamento dos técnicos de saúde (enfermeiro, médico, psicólogo). A nosso ver, seria de incentivar a reunião destas duas valências numa única carrinha. Tal deveria ter por base a referida noção de cuidado e ser efetuada a partir de uma reflexão conjunta entre os profissionais envolvidos.

Centremo-nos na **noção de «cuidado»**, ou seja, nas intervenções que têm por objeto manter, atender, reequilibrar ou cuidar, *os trabalhos invisíveis e as tarefas obscuras* (dos quais as mulheres têm sido as grandes protagonistas) e que têm garantido a sobrevivência das sociedades humanas e da própria vida: os trabalhos de criação (criança), de manutenção da capacidade produtiva de um terreno, de regeneração de um território devastado, de transmissão de saberes sobre a saúde ou sobre alimentos. Os trabalhos de cuidados... constituem esteios (puntales) da vida e, por conseguinte, chaves para a sustentabilidade. ...e são realizados sem horários em permanente e incessante luta contra a corrente da desordem, da sujidade, da falta de alimentos e do abandono afetivo¹⁷.

Esta noção, que só agora começa a ser estudada e avaliada, é todavia bem conhecida dos bibliotecários itinerantes.

Em Portugal, desde os anos 60 que as Bibliomóveis **também cuidaram das populações**: com os livros levavam notícias e informações regionais e nacionais, transportavam encomendas entre povoações distantes, levavam cartas de amor às escondidas. Hoje qualquer um de vós também o faz de outras formas e com outros meios.

¹⁶ <http://www.arsalentejo.min-saude.pt/saudepublica/CuidadosProximidade/UnidadesMoveisSaude/Paginas/UnidadesMoveisSaude.aspx>

¹⁷ Yaro Herrero, Fernando Cembranos e Marta Pascual (coord.) – **Cambiar las gafas para mirar el mundo: una nueva cultura de la sostenibilidad**. Madrid: Libro sen Acción, 2011, p181.201

Por outro lado, todos os estudos realizados sobre a relação custos-resultados da atividade das carrinhas itinerantes apontam para os altos índices de produtividade, ou seja, em termos económicos, o retorno do capital investido numa bibliomóvel é considerado elevado (como afirmam Alberto Pérez Tapia e Mercedes Santiago Calvo¹⁸, por exemplo). Para além dos apoios solicitados a diferentes parceiros locais, como o dono do café, a coletividade local ou a escola..., estes autores assinalam e bem o facto que os decisores políticos não costumam ter em conta: os ***bibliobuses también crean espacios públicos donde reunirse...*** y, como diz em espanhol... ***hacer comunidad***.

Como este autores também assinalam, tanto as Constituições Espanhola e Portuguesa, como a UNESCO, declaram que todo cidadão tem direito ao acesso à cultura, e é também por isso que os bibliobuses são verdadeiros **garantes da legalidade**. Mas, antes do mais, são serviços **solidários**. Ou, mais precisamente, **instrumentos de construção de identidade de um povo**, de bem-estar e de felicidade.

Jesús Espliego López em *Quando tomar café se converte em extensão bibliotecária, ou como consolidar usuáries*¹⁹, enuncia a regra dos 3 Cs de ouro: **Calidad, Compromisso, Confiança**. A mim, parece-me que sim, desde que nestes 3 «Cs» se inclua obrigatoriamente **a sensibilidade e a criatividade** como características essenciais dos bibliotecários responsáveis pelas Bibliotecas Móveis.

As bibliotecas itinerantes acompanharam os tempos, adaptaram-se e modernizaram-se, tecendo desde sempre *redes de leituras e de afetos* nos mais distantes e isolados concelhos portugueses e um pouco por todo o mundo. Na sua maioria de pequena dimensão (o que lhes traz duas vantagens: percorrer as mais difíceis estradas do nosso país e serem conduzidas por qualquer pessoa que detenha uma simples carta de condução), as bibliomóveis oferecem centenas de itens (entre livros, revistas, cd e dvd) e acesso à Internet. Mas, sobretudo, vão aos confins mais solitários e dos locais mais deprimidos do nosso país o que significa que **cuidam das populações que aí vivem**.

Porque a manutenção de Bibliotecas Públicas ativas e dos seus bibliobuses implica efetivamente **um investimento financeiro inicial e de manutenção**, por parte do poder político, mas mais importante ainda **um investimento em estudo, trabalho, reflexão e criatividade permanentes**, por parte das respetivas equipas técnicas: uma dedicação que apenas *o amor ao que fazemos o espírito de missão* poderão muitas vezes sustentar. Pelo que necessitamos, mais do que nunca, de estudar e de trabalhar muito, de reunir esforços e de partilhar projetos. E de não prescindir de uma grande dose de sonho, de preferência em formato XXXL, o formato dos sonhos verdadeiramente importantes na vida. É por isso que as *Guidelines* da IFLA 2010, elaboradas por

¹⁸ <http://www.bibliobuses.com/documentos/El%20Bibliob%20C3%BA%20C2%BFun%20sistema%20de%20informaci%20C3%B3n%20en%20de%20revisi%20C3%B3n%20bibliogr%20C3%A1fica.pdf>

¹⁹ http://www.bibliobuses.com/documentos/Jesus%20Espliego%20Lopez.%20Cuando%20tomar%20cafe_.pdf

um grupo coordenado por Ian Stringer, consideram o pessoal como o mais importante recurso da Biblioteca Móvel²⁰.

Na história das Bibliotecas Itinerantes, como tudo o que que é verdadeiramente importante na vida, tudo começou com um sonho: levar livros a todos e a todo o lado. Dos países mais desenvolvidos aos mais carenciados, as bibliotecas itinerantes continuam, hoje como há 100 anos, a ser consideradas das mais vívidas e melhor conseguidas «fórmulas» de biblioteca. Concebidas para **ir (mais) longe, onde a maior parte das pessoas não vai, e acarinhadas por bibliotecários sensíveis**, as bibliotecas itinerantes têm leitores e fãs fervorosos um pouco por todo o mundo

JesúsMartín-Barbero²¹, conhecido semiólogo e filósofo colombiano, afirma que **o exercício da cidadania** requer, por parte de cada um de nós, **a capacidade de contarmos a nossa própria história e a da nossa comunidade** Este o único modo de sobre refletirmos, criticarmos, defendermos e melhorarmos a nossa comunidade e cada um de nós. Para tal, precisamos de dominar a leitura, a escrita e a oralidade, ou seja, de **saber ler, escrever e falar em público**.

Por isso, estou segura de que mais do que apenas o lugar e o meio de transmissão do conhecimento e do saber em todas as áreas das ciências e das artes, a Biblioteca Pública e a sua extensão móvel, a biblioteca itinerante que tão bem a simboliza, são **o lugar da aprendizagem da cidadania**, do eu na relação com o outro, simultaneamente igual e diferente de mim. Um **lugar de sociabilização**, onde se promove a discussão elevada de todas as ideias. Um lugar de **ampliação da consciência da identidade individual e comunitária**. Um lugar maravilhoso e insubstituível.

²⁰ <http://www.ifla.org/files/assets/hq/publications/professional-report/123-es.pdf>

²¹ <http://www.mediaciones.net/category/oralidades/>